

## Os insólitos corpos de Murilo Rubião: uma leitura de “Bárbara” e “As unhas”

The unusual bodies of Murilo Rubião: a reading of “Bárbara” and “As unhas”

Bruno Silva de Oliveira\*

Jamille da Silva Santos\*\*

Andréia Alencar de Oliveira Iguma\*\*\*

---

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar a construção dos corpos em dois contos do escritor Murilo Rubião: “Bárbara” (1974) e “As unhas” (1994), uma vez que é por meio das manifestações insólitas de cunho biológico presentes nesses contos que podemos, tantas vezes, questionar as imposições sociais que circunscrevem nossa sociedade a partir da imposição de “corpos” padrões. A perspectiva de análise ganha relevância a partir da noção de corpo do filósofo Michel Foucault (2010), no que tange toda a construção social e psicológica. Nesse prisma, entendemos que as alterações corporais tecidas nos contos supracitados contribuem significativamente para pensar a ordem e desordem social a partir de padrões impostos que excluem e homogeneizam o que é heterogêneo. E é justamente nesse ponto que as manifestações insólitas ganham relevância, uma vez que por meio do irreal questionamos o real.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the construction of the bodies in two short stories by Murilo Rubião, “Bárbara” (1974) and “As unhas” (1994). It builds on the notion that through the unusual manifestations of biological nature present in these stories we can often question the social impositions that circumscribe our society based on the imposition of standard “bodies.” The perspective of analysis gains relevance from the notion of body by philosopher Michel Foucault (2010), when it comes to its social and psychological value. In this perspective, we understand the corporal changes woven in these stories contribute significantly to thinking about the social order and disorder from imposed standards that exclude and homogenize what is heterogeneous. And it is at this point that unusual manifestations gain relevance, since it is through the unreal that we question the real.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contos. Corpo. Insólito.

**KEYWORDS:** Short stories. Body. Unusual.

---

---

\* Professor efetivo da área de Letras do Instituto Federal Goiano - *Campus* Iporá. Aluno do Doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do Grupo de Pesquisa em Espacialidades Artísticas (GPEA). Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão (UFG/RC). Licenciado em Letras – Língua Portuguesa/ Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Iporá. Bolsista do Programa de Incentivo à Qualificação (PIQ) do IF Goiano.

\*\* Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - nível Doutorado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do grupo de pesquisa em Espacialidades Artísticas (GPEA/ CNPq) e do grupo de pesquisa: Estudos sobre o Discurso e o corpo (grudcorpo/CNPq).

\*\*\* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Mestre em Letras (Literatura e Práticas Culturais) pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2012); Graduada em Letras também pela UFGD (2007). Atua principalmente nos seguintes temas: críticas literárias, literatura e ensino, vertentes do insólito e literatura juvenil. Faz parte do comitê do PROLER na cidade de Dourados - MS. Professora do curso de Letras do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN e colunista para o LITERATUDO.

## 1 Palavras iniciais

Murilo Rubião tem um parco número de contos publicados se comparado a consagrados autores brasileiros, tais como Monteiro Lobato, Machado de Assis, Guimarães Rosa, entre outros. Entretanto, seus trinta e três contos publicados em vida, possuem grande relevância dentro da produção entendida como literatura fantástica escrita no país, tanto que a crítica especializada lhe atribuiu o título de “pai” da literatura fantástica em solo brasileiro.

Exigente consigo, o autor escrevia e reescrevia seus textos diversas vezes até chegar ao ponto de considerá-los perfeitos, incluía e/ou suprimia trechos, essas “alterações, contudo, não modificam profundamente o conto [...], e valem menos como material de pesquisa do que como *signo* da reescritura” (CARNEIRO, 2013, p. 85).

Ademais, alguns dos seus contos sofreram alterações mesmo após estarem publicados, o que foi impossível de ser feito com “As unhas”, publicado postumamente em 1994, na seção “Memória” do Suplemento Literário de Minas Gerais (nov. 1994, n. 1, p. 4-5), após aproximadamente três anos de seu falecimento, por Vera Lúcia Andrade, que, naquele período, era diretora do Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Ana Cristina Pimenta da Costa Val, que era bolsista de iniciação científica na referida instituição. O conto foi resgatado do espólio deixado pelo autor e doado pela família em 1992 à Faculdade de Letras da UFMG, estando hoje no Acervo da Biblioteca Universitária da instituição, juntamente com outros.

Em 2013, a narrativa volta a ser lembrado ao ser republicada no livro *Murilo Rubião 20 anos depois de sua morte* pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EdUERJ). O referido livro é fruto de um evento realizado em novembro de 2011 em homenagem aos 20 anos de falecimento do escritor. Assim, “As unhas” entra para o rol de textos publicados de Murilo Rubião totalizando trinta e quatro narrativas.

A escrita de Rubião não se limitava a uma temática, porém, ao ler sua produção, é possível validar a forte presença do corpo, o que nos instigou a analisar os dois contos supracitados por meio dessa ótica, uma vez que são corpos que se modificam e se transformam de formas inimagináveis. Nesse prisma, trazemos em matéria de ilustração o conto “Alfredo” que narra a história de um metamorfo que se modifica inúmeras vezes chegando até a ter a composição de um verbo, o resolver; outro exemplo se faz presente em “Teleco o coelhinho”, pois há um ser que se metamorfoseia cujo o sonho é ser gente, a personagem que dá título à narrativa se transforma incessantemente na tentativa de realizar o seu sonho, mas só consegue tornar-se uma criança raquítica quando morre; em “Bárbara”, lemos a respeito de uma mulher

cujos corpos crescem desmedidamente na medida em que sonha; e em “As unhas”, a protagonista passa anos de sua vida lutando com suas unhas que não param de crescer de forma inexplicável e constante.

Ao recuperar a presença do corpo em tais narrativas, justificamos que a escrita deste artigo terá como mote analisar a forte presença do corpo em: “Bárbara” e “As unhas”, uma vez que é por meio dessas manifestações insólitas de cunho biológico que podemos, tantas vezes, questionar as imposições sociais que circunscrevem nossa sociedade a partir da imposição de “corpos” padrões, e essa questão vai além do que é projetado dentro da dicotomia belo e feio, mas alça voos e ganha ainda mais relevância dentro dos corpos abjetos excluídos socialmente. Validamos que a atenção maior será dada ao conto “As unhas”, em função de sobre ele ter incidido menos análises até o momento por parte da crítica literária.

## 2 Corpos incomensuráveis

A metamorfose é “um recurso muito frequente para a instauração do insólito” (GAMA-KHALIL, 2013, p. 46), principalmente, em uma sociedade líquida em que os corpos, pensamentos e atitudes se modificam com tamanha fluidez. Infelizmente, vivemos a era das plásticas e da busca por um corpo perfeito instituído socialmente, com isso, um comércio gigantesco é movimentado em torno de cirurgias, academias, clínicas de estéticas e outros recursos que acarretam diretamente mudanças físicas e psicológicas que são “aceitas”, uma vez que não ocasionam estranhamento.

Todavia, a literatura contribui com a reflexão acerca das marcas sociais de cada tempo, assim questionamos: por que os corpos transmutados na literatura provocam tamanho estranhamento no leitor e, tantas vezes, os referidos corpos transformados na sociedade, não?

Nesse prisma, buscamos validar possíveis respostas a esse questionamento. Assim, nosso objetivo será pensar corpos apresentados na literatura como uma projeção de acontecimentos no mundo entendido como real; para isso, adentramos em dois contos de Murilo Rubião: “Bárbara” e “As unhas”, narrativas cujo mote, como já evidenciado, possuem as transformações corporais em um universo prosaico projetado pela ficção.

Bárbara, do conto homônimo publicado em 1974, aparentemente é uma mulher mimada por seu marido, que busca realizar todos os desejos dela, logo é colocada em um lugar de estranhamento quando seus pedidos se tornam alimento não só para alma, mas para seu corpo físico, como podemos observar logo no início da narrativa: “Bárbara gostava somente de pedir.

Pedia e engordava” (RUBIÃO, 2016, p. 22). Desse modo, Bárbara se alimenta dos seus desejos, engordando cada vez mais.

No início, o seu cônjuge não estranhava tal fato, já que a personagem é descrita como magra e seus desejos poderiam fazer com que ganhasse um pouco mais de peso, o que remete, mais uma vez, a uma sociedade do controle sobre o corpo, a qual determina o que pode ou não ser visto e feito e como deve ser um corpo belo. Nesse sentido, Michel Foucault, em seu livro *Os Anormais* (2010), afirma que a norma, isto é, os manuais de conduta, serve como regulação das possibilidades existentes. Assim, o corpo de Bárbara, no excerto acima, não se enquadra em um corpo belo. “Bárbara era menina franzina e não fazia mal que adquirisse formas mais amplas” (RUBIÃO, 2016, p. 23), o que faz com que seu esposo se ampare em justificativas para realizar alguns de seus desejos, contribuindo para que ela possa ganhar um pouco mais de peso, e assim, se enquadrar nas imposições sociais.

Já em “As unhas”, o lugar do controle da sociedade está marcado por uma aparente organização. A protagonista, Henrique, é obcecada com os cuidados referentes ao seu corpo, o que o leva a investir horas do seu dia se arrumando. “Alisava os cabelos, irrepreensivelmente penteados, corrigia a gravata branca, já colocada no lugar exato onde deveria ficar” (RUBIÃO, 2013, p. 126).

No que tange as duas narrativas em destaque é possível validar que em ambas há uma obsessão com o corpo. Em “Bárbara”, o narrador, que é o marido da protagonista, enfatiza, no início do conto, as características corporais da esposa, justificando o fato de ela poder engordar um pouco; e depois, quando o corpo dela se avoluma e engorda, assinala sua insatisfação pelo fato dela continuar fora do padrão, afinal, antes era magra de mais, e agora obesa. No segundo conto, o narrador põe o leitor diante de uma personagem que tem fixação por organização, marcado pelo termo “irrepreensivelmente” que assinala o lugar de que não há nada para ser ajustado ou repreendido; todavia, Henrique continua em frente ao espelho se corrigindo e exercendo sobre seu corpo um controle. Ele não para de ajeitar seus cabelos, que já se encontram perfeitos e de arrumar a gravata, que está no devido lugar.

Nesse prisma, Revel (2005) valida que a forma de controle que se exerce sobre si e sobre o corpo é determinada por vários poderes laterais, os quais funcionam como uma forma de normatização, que tem como função determinar o que é certo e o que é errado, ou seja, no caso dos corpos, o que seria feio ou belo, permitido ou proibido, instaurando um estatuto, um padrão legalizado.

Entretanto, observamos que todo o controle é rompido logo no decorrer da narrativa, Bárbara que, no início, era descrita como alguém que podia engordar, logo excede o padrão,

uma vez que engorda “incessantemente” (RUBIÃO, 2016, p. 23); já Henrique que, no início da narrativa, se encontra perfeito, passa a ter cada detalhe de seu corpo fora daquilo que é milimetricamente pensado como padrão, o imprevisto para o desgoverno de Henrique foram suas unhas, que iniciam um processo desregulado de crescimento, aparentemente sem nenhuma explicação e, com isso, se instala a anormalidade.

Foucault (2010) afirma que o não funcionamento de leis em uma instância social gera uma punição no corpo, estabelecendo um estatuto jurídico-biológico, na medida em que existem regulações sociais que devem ser cumpridas e o seu não cumprimento gera uma punição de âmbito biológico. Nesse sentido, o sujeito, que rompe as leis estabelecidas, é reduzido a um enquadramento de uma anomalia. Isso o colocaria no lugar de sujeito externo a essas leis, diferente de todo o corpo social que as segue, atribuindo a ele um caráter de monstro, o que é para Foucault (2010, p. 47) “em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza”. Isso gera um “registro duplo, infração às leis em sua instância mesma. O campo do aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer ‘jurídico-biológico’” (FOUCAULT, 2010, p. 47).

A forma de transformação do corpo tanto de Bárbara como de Henrique se dá no âmbito de uma ruptura biológica, tendo em vista que o corpo de Bárbara cresce desenfreadamente por meio de desejos e as unhas de Henrique crescem sem uma única justificativa. Porém, é possível perceber um elo em ambas as narrativas: o pecado capital funcionando como mote para instauração do insólito: a gula, no primeiro e o orgulho, no segundo, que estão ligados a um terceiro – a vaidade.

A gula, pecado atribuído à alimentação, mais especificamente ao exagero em relação ao alimento, tem lugar de destaque no conto “Bárbara”, por meio dos inúmeros desejos, tais como desejar o mundo e alimentar-se dele, contudo quanto mais deseja, mais desejos ela tem, logo engorda cada vez mais. Já Henrique tem como principal pecado o orgulho, que está ligado à vaidade, uma vez que ao se sentir superior aos outros, sua vaidade é representada ficcionalmente por meio do seu contato com o espelho, em sua busca incessante pela perfeição como também de vaidade em relação ao outro. Quando planeja a forma de causar maior impacto no baile, a personagem tem tanta certeza de ser alguém superior, que acredita que ficando em casa todos sentiriam a sua falta, como se observa na citação abaixo:

Ao voltar-se para o espelho, a fim de colocar a flor na lapela, estava decidido. Em vez de entrar tarde no clube, ou acompanhado de uma dama desconhecida, como pensara antes, resolvera ficar em casa. O efeito seria maior. Todos comentariam a sua ausência e Petúnia, esperando-o a noite toda, sem dançar,

os olhos fixos na(s) porta(s), imaginaria mil coisas, sem chegar uma conclusão lógica do que teria acontecido. (RUBIÃO, 2013, p. 126)

A partir da leitura do excerto podemos perceber que a personagem se coloca no centro de todas as ações; projetando-se como a figura mais importante, ele acredita ser o convidado principal, a peça fundamental que faria o evento funcionar, e assim decide não ir à cerimônia, pois todos se questionariam a respeito de sua ausência e que sua aparente namorada, a viúva Petúnia, passaria a noite inteira à sua espera.

Em nossas análises, gula e vaidade são o estopim para as metamorfoses sofridas pelas personagens de Rubião. Bárbara não para de engordar chegando ao ponto de “vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçá-lo o seu corpo” (RUBIÃO, 2016, p. 27). Em “As unhas”, Henrique tenta de todas as formas controlar o crescimento de suas unhas e não consegue; para manter sua rotina saía “sempre munido de uma tesourinha, tinha o cuidado de não se demorar com as pessoas” (RUBIÃO, 2013, p. 128). Dessa forma, o corpo passa a exercer um controle sobre a vida das personagens. A primeira, em função do excesso de gordura, não conseguia locomover seu corpo, e o segundo pelo fato de ter que manter suas unhas sempre cortadas, não podendo ficar muito tempo longe de casa e ter que sempre andar com um instrumento para o corte.

Como afirma Henrique, no conto, ele possuía “preocupação com a anomalia” (RUBIÃO, 2013, p. 128). Foucault (2010) pontua que, por meio de uma composição de traços corporais, vê-se funcionando o lugar do monstro, ou seja, do anormal. Para Foucault (2010, p. 48), o lugar de “referência do monstro humano é a lei”, é, portanto, na ruptura com as leis que temos a criação do monstro.

O monstro é o modelo poderoso, a forma desenvolvida pelos jogos da natureza de todas as irregularidades possíveis. Neste sentido, pode-se dizer que o monstro é o grande modelo de todos os pequenos desvios. É o princípio de inteligibilidade de todas as formas, circulando – sob a forma de moeda miúda da anomalia. (COURTINE, 2009, p. 256-257)

Nesse prisma, quando as personagens de Rubião são dominadas por seus pecados, vê-se incidir em seus corpos uma forma de punição. Criam-se monstros pelo alargamento do corpo, ou pelo crescimento demasiado das unhas; nesse sentido, o anormal se instala dentro da narrativa. Foucault (2008) observa que as transgressões de determinadas normas de condutas devem gerar uma punição que evidencie a norma e sirva de exemplo de como não se portar.

Nessa esteira de pensamento, ao tomarmos a literatura como projeção ficcional do mundo e das leis deste é possível verificarmos nos corpos uma punição que serve ao leitor de exemplo do que “não deve ser feito”.

No que tange à escrita de Murilo Rubião, destacamos que o autor trabalha com corpos hiperbólicos, que crescem de forma exagerada, que transcendem o normal e o cotidiano; são estruturas espaciais que evidenciam a face insólita das narrativas e, por meio deles, o leitor pode perceber a transgressão à norma e ver emergir em si um estranhamento diante dos fatos narrados. Por exemplo, a inquietação se Bárbara irá explodir e quando isso ocorrerá, se Henrique terá as unhas tão grandes quanto às orelhas do protagonista do conto “O homem cuja orelha cresceu”, de Ignácio de Loyola Brandão. Seria ele descoberto e suas unhas iriam incomodar tanto ao ponto de ele ter o mesmo fim que o desafortunado protagonista de Brandão? Pois bem, são muitos os questionamentos, assim, nos atentaremos no momento seguinte ao conto “As unhas”, uma vez que, como anunciado no início deste texto, por ser uma publicação póstuma, possui poucas análises.

### **3 Henrique, o homem cujas unhas não param de crescer?**

A narrativa se inicia com um dado espacial, o protagonista, Henrique Canavarro, estava em frente a um espelho se preparando para ir a uma festa. Damos destaque ao cenário, uma vez que o espelho é um objeto recorrente nas narrativas fantásticas, sendo um elemento que desestabiliza as personagens que se postam diante dele; esse objeto enigmático é um elemento central em narrativas de Machado de Assis e José J. Veiga, pois revela nuances e deformidades físicas e/ou psicológicas das personagens que se contemplam diante dele.

Henrique se admira em demasia no espelho, o que leva a uma leitura capaz de identificar seu egocentrismo e o narcisismo, uma vez que “estava excessivamente concentrado nos preparativos e nada teria força para desviar-lhe a atenção” (RUBIÃO, 2013, p. 125); o fato é reforçado em virtude de mirar-se “demoradamente, antes de colocar a casaca, satisfeito com o físico atlético e o rosto ainda jovem” (RUBIÃO, 2013, p. 125). Um dado interessante percebido nesses fragmentos é que ele admite ser atlético e jovem a partir de sua contemplação diante do espelho. Logo, o espelho e a veneração do corpo, que causa o assombro a sua última conquista, a viúva Petúnia, e a inveja dos outros homens, são os elementos centrais do conto sob os quais os demais acontecimentos orbitam.



O narrador relata que a todo momento o protagonista Henrique se volta para o espelho, seja para contemplar-se ou arrumar-se para a festa, validando seu amor próprio. Ele crê ser o centro das atenções nos espaços que atravessa, que suas entradas são acontecimentos dentro dos eventos que participa, pois, na festa para qual estava se arrumando, deseja causar um efeito maior do que provoca normalmente, e, por isso, cogita não ir ao compromisso, dado que sua ausência geraria mais comentários e sentimentos diversos do que a sua presença. O egocentrismo de Henrique é reafirmado no trecho “ao deitar-se, pensava ainda em Petúnia; no desespero dela que pouco lhe importava” (RUBIÃO, 2013, p. 126), haja vista estar mais preocupado em como ela materializaria o desespero pela sua falta do que os sentimentos. Já o narcisismo do senhor Canavarro é realçado pelo narrador nos primeiros parágrafos, pois faz-se menção à personagem diante do espelho a se contemplar quatro vezes no início do conto e uma última no desfecho.

Em consonância, a tese de doutoramento intitulada “*A narrativa insólita em Murilo Rubião: um fantástico inquietante e moderno*” (2016) defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o autor Vanderney Lopes da Gama disserta sobre a relação da personagem com o espelho, pois a partir do objeto o sujeito enxerga uma realidade outra, que não é real, visto que enxerga uma realidade ideal, sem defeito ou mácula. Entendemos aqui o espelho como um espaço da atopia, uma junção do espaço da utopia e da heterotopia, onde real e irreal convergem, a pessoa se vê em um lugar em que ela não está “entretanto o espelho existe realmente e tem um efeito retroativo, pois por meio dele a pessoa se descobre ausente no lugar onde está” (GAMA-KHALIL, 2012, p. 36). Partindo dos princípios da física, o espelho projeta, a partir da refração da luz, uma imagem invertida e virtual do objeto posto em frente a ele; por exemplo, se a palavra ROMA for posta diante do espelho, ele não refletirá ROMA, mas AMOR. Certamente, o espelho não reflete uma imagem simetricamente perfeita, mas uma simetria bilateral, em que um lado é idêntico ao outro apesar de estar invertido a partir do eixo. Para Gama (2016), a personagem está vendo o reverso da realidade, ou seja, sua imagem invertida, ao contrário, logo ele vê aquilo que queria ser ou já fora, “possivelmente, era uma imagem dos tempos em que ele se enquadrava dentro daquelas descrições, guardada inconscientemente em sua memória” (GAMA, 2016, p. 110).

Em consonância, Cordeiro (2007, p. 46) defende que “o efeito de ressonância construído por estes jogos de simetria (invertida) não visa tanto uma representação bifacetada da realidade quanto uma negação da própria realidade: o outro lado do espelho não reflecte um outro real mas o próprio processo de acusação do real”.



A irrupção do acontecimento insólito não se dá diante do espelho, mas ao sair de sua frente. Quando a personagem se deita para dormir e deixa de contemplar-se diante do objeto é que fato o insólito ocorre. Henrique repara que as suas unhas haviam crescido subitamente, visto que naquela tarde a manicura as tinha cortado, porém não deu importância ao ocorrido, cortou-as novamente e deitou-se.

Dormiu algum tempo. Duas horas depois acordou, sentido algo estranho nas mãos. Tinha a impressão de que alguma coisa se lhe acrescentará às unhas e lhe arranhava as mãos. Acendeu a luz. As unhas tinham crescido novamente. Mais espantado ficou. Cortou-as de novo, perplexo com o que lhe estava acontecendo: como, em tão breve espaço de tempo, elas podiam crescer tanto? Alcançavam a cinco centímetros! (RUBIÃO, 2013, p. 127)

O autor mineiro, na tentativa de convalidar o acontecimento narrado, faz marcações temporais e espaciais: em duas horas, as unhas tinham crescido cinco centímetros. Esses acontecimentos vêm para suscitar o estranhamento no leitor, pois as unhas das mãos crescem em torno de três milímetros por mês, principalmente durante o dia, provavelmente em virtude da rápida circulação sanguínea nesse período. As unhas são lâminas de queratina feitas a partir das células que morrem debaixo da pele dos dedos das mãos e dos pés, tendo a mesma função que as garras têm nos demais animais; no entanto, tornaram-se finas e passaram apenas a proteger a última falange dos dedos.

Henrique tenta racionalizar o acontecimento insólito “devia ser uma doença” (RUBIÃO, 2013, p. 127) e que na tarde seguinte procuraria um médico. Ele percebe o fato como algo estranho, as unhas não crescem de forma normal. Com medo de que lhe fosse atribuído uma moléstia segregatória, como o câncer ou a lepra, e de que esse boato se espalhasse pela cidade, decide não ir ao médico, pois acreditava que o fato não tinha gravidade, então cortou as unhas durante todo o dia.

Como passou o dia cortando as unhas, percebeu que o crescimento obedecia a uma constante invariável, durante os primeiros noventa minutos elas cresciam um pouco e que nos trinta minutos seguintes cresciam exponencialmente. Mediante tal descoberta, Henrique volta a frequentar os amigos e as reuniões, ciente que não podia se demorar mais do que uma hora e trinta minutos, mas, caso acontecesse algum imprevisto, sempre trazia no bolso uma tesourinha de unhas para extirpar as pontas que ganhavam vida extraordinariamente. A preocupação com as unhas tirava-lhe a paz, o medo de que descobrissem sua anormalidade era evidente em sua face e em seu comportamento, causando preocupação nos amigos e em Petúnia. Em uma ocasião, quando estava perto da pretendente, as unhas de Henrique cresceram fora do ciclo

“normal” e ela soltou um grito horrorizada, como ele não conseguiu explicar o fato a sua noiva saiu correndo, para nunca mais procurá-la.

Após o ocorrido, redobrou as precauções para não ser descoberto, cortava as unhas compulsivamente. Esse comportamento estranho fez com que ele se isolasse em casa, “precisava curar-se. Por isso, encomendou todos os livros de medicina relativos a unhas e suas doenças. Em nenhum deles, porém, descobriu algo parecido com o mal que sofria” (RUBIÃO, 2013, p. 128), isso porque o fenômeno insólito “é sempre sugerido como exceção, como um acontecimento incomum, pois do contrário se converteria em algo normal e não seria tomado como uma transgressão, como uma ameaça” (ROAS, 2014, p. 114). Henrique não conseguiu explicações nos livros, então se correspondia com especialistas no exterior, mas nenhuma resposta foi positiva, ninguém conhecia a sua moléstia.

Os criados começaram a perceber e a comentar entre eles a obsessão do patrão com as unhas, cortando-as constantemente. Logo, Henrique se viu obrigado a demitir todos os funcionários e a ver sua casa ser mergulhada no caos e abandono, pois não contratou ninguém para substituí-los. Passou a não realizar as atividades domésticas, a não fazer a barba e a não cuidar de sua aparência, estando mais preocupado em contar as unhas para que elas não crescessem como trepadeiras.

O leitor depara novamente com a vaidade do senhor Canavarro, ele tinha um consolo momentâneo quando lembrava o efeito de curiosidade e de ausência na sociedade causado por sua reclusão, porém tal sentimento logo se esvaía quando lembrava que Petúnia presenciou o crescimento de suas unhas e que a viúva podia ter contado a alguém. Resolveu esquadrihar o globo terrestre à procura de resposta à sua moléstia, mas nada encontrou.

Ao regressar ao lar, deparou com sua casa em ruínas, a natureza e o tempo selvagens tomaram conta do espaço: móveis podres e decompostos, teias de aranhas dominavam o lugar, o jardim se transformou em uma selva no coração da cidade. “Um ódio tremendo contra todos os seres e contra tudo turvou-lhe a alma e, possesso, quebrava tudo que tinha na sua frente” (RUBIÃO, 2013, p. 129). Henrique dá vazão a um sentimento que ele reprimiu por muito tempo, toda a sua frustração diante do problema que ele não conseguia resolver é exteriorizado por meio da destruição dos objetos que compunham o espaço de sua casa. O cansaço o fez cair desanimado, a sociedade se fechou para ele, pois não tinha mais convites em virtude da constante negação dos convites anteriores; logo decidiu que não iria mais cortar as unhas, não tinha mais motivos para esconder o problema, deixaria que elas crescessem indefinidamente.

Diante de tal decisão, regozijava-se com as lembranças do passado, passou horas e horas alegres com recordações que acalentaram o seu coração, que o levaram a dormir. Quando

acordou, já era noite, e percebeu algo estranho, suas unhas não cresceram mais, ele podia pegar e manipular a vela que acendeu para verificar o milagre. Passou a noite acordado para validar o ocorrido, inexplicavelmente as unhas não cresciam mais como outrora, ele viu emergir dele uma alegria extraordinária, poderia voltar a frequentar os bailes e as festas, a galantear e cortejar as moças da alta sociedade. “Correu ao banheiro para fazer a barba. Tinha que tomar providências imediatas, chamar o alfaiate, etc. Mas, ao dar com a sua fisionomia no espelho, viu que era tarde. Nele estava refletindo um rosto cansado e velho, rugas e amargura estavam impressos ali” (RUBIÃO, 2013, p. 130).

Quando ele enxerga sua nova imagem no espelho, deixa de idealizar-se com um homem jovem e atlético e passa a se ver como um homem velho, amargurado e preenchido por rugas. O crescimento incomensurável das unhas lhe causara isso, ele “indicia a constatação de que existe algo que, embora seja insignificante e contínuo, perturba sua existência e não possui uma cura científica” (GAMA, 2016, p. 110). A cura para sua moléstia estava dentro dele: a perda da vaidade.

O acontecimento fantástico abala as certezas das personagens e do leitor, ele não é permeado apenas por imagens ilógicas e maravilhosas de cunho físico, mas por acontecimentos sociais e psicológicos atravessados por problemáticas que podem (des)construir o leitor e personagens. O fantástico pinta a realidade e os problemas envoltos nela com tons fortes, usando uma paleta repleta de cores singulares e, porque não, insólitas. Para Schwartz (2016), o insólito escrito por Murilo Rubião é redigido a partir de níveis simbólicos e alegóricos de significação, ele faz críticas aos valores e preconceitos da sociedade, mazelas individuais e coletivas. A partir do fantástico crescimento desenfreado das unhas de Henrique, Rubião critica a vaidade e o egocentrismo das pessoas, que se limitam e se escondem com medo das pessoas perceberem as suas deformidades, pois as unhas só crescem em função da vaidade social da personagem e só param de crescer quando ele a abandona.

#### **4 Algumas considerações**

No presente artigo, observamos as construções corporais de duas personagens de Murilo Rubião: Bárbara e Henrique, pensamo-las inseridas na obra de Rubião, mas também como metáforas de uma sociedade que determina que tipo de corpos e ações são válidas para os sujeitos.

De fato, olhamos para dois corpos deformados por pecados; em “Bárbara”, a gula da protagonista a torna uma mulher obesa. A personagem anseia pelo mundo e o deseja com tamanha intensidade que se alimenta dele e engorda a cada desejo, o que coloca seu marido a mercê de seus desejos, sem conseguir dizer “não”, ele se desfaz de todos os seus bens para realizar as vontades de Bárbara, que só engorda. Assim, Rubião nos permite olhar para uma sociedade que é egoísta, que deseja incessantemente o mundo, mas não devolve nada a ele.

Em “As unhas”, atentamos para uma personagem imersa em sua vaidade, que perde horas do seu dia se arrumando, colocando tudo em seu devido lugar e uma ligação demarcado com o espelho. Aqui, destacamos o espelho funcionando como lugar de descobrimento de si e também de estranhamento. O espelho é o lugar da atopia, local de todas as possibilidades, como afirmamos na análise, espaço em que o real e o irreal convergem em uma junção perfeita.

E justamente Henrique, dono de uma vaidade imensa, tem sua vida transformada ao perceber o crescimento descompassado de suas unhas, como analisado durante nosso artigo. Nesse prisma, evidenciamos que essa anomalia faz o processo de redescobrimto da personagem, uma vez que ao se deparar com o problema passa a se isolar socialmente e viver só, o que corrobora que seus valores estavam fixados no externo: na beleza física, na aprovação do outro, e por meio de tal condição, não se percebe inserido em nenhum lugar. Ainda salientamos que, no conto “As unhas”, o julgamento parte de Henrique, e não da sociedade, o que valida a ausência de reflexão e autoconhecimento, uma vez que, por falta de conhecimento e/ou criticidade, vivemos a mercê do julgamento do outro, mesmo antes de sermos julgados. E esses julgamentos são algemas invisíveis e patológicas que nos aprisionam.

Ademais, esses corpos deformados que o autor evidencia, faz-nos refletir sobre uma sociedade do controle, que nos dita as regras daquilo que deve ou não ser seguido, como afirmamos, e o descumprimento de tais imposições gera uma transgressão fazendo com que tais personagens tornem-se monstros diante da sociedade.

## Referências

CORDEIRO, C. R. O sujeito fantástico: dualidade ou dualismo?. In.: SIMÕES, M. J. (Coord.). **O fantástico**. Coimbra: CLP, 2007. p. 43-51.

COURTINE, J.-J. O corpo anormal- História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: As mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. **Os Anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GAMA, V. L. **A narrativa insólita em Murilo Rubião: um fantástico inquietante e moderno. Tese de doutoramento em Literatura Brasileira**. 2016. 171 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GAMA-KHALIL, M. M. As Metamorfoses do corpo e a construção do fantástico nas narrativas de Murilo Rubião. In: GARCIA, F.; BATALHA, M. C. **Murilo Rubião 20 anos depois de sua morte**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 47-66.

GAMA-KHALIL, M. M.. As teorias do fantástico e a sua relação com a construção do espaço ficcional. In: GARCIA, F.; BATALHA, M. C. (Org.). **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012. p. 30-38.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROAS, D. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RUBIÃO, M. As unhas. In: GARCIA, F.; BATALHA, M. C. **Murilo Rubião 20 anos depois de sua morte**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 125-130.

RUBIÃO, M. Bárbara. In: RUBIÃO, M. **Murilo Rubião: obra completa**. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 22-28.

SCHWARTZ, J. O fantástico em Murilo Rubião: uma visita. In.: RUBIÃO, M. **Murilo Rubião: obra completa**. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 251-253.

Artigo recebido em: 05.09.2017

Artigo aprovado em: 16.03.2018